

## **O Computador e a Internet como Ferramentas de Inclusão Digital para a Vida do Longevo**

**Conceição de Maria Belfort de Carvalho<sup>1</sup>**

**Joao Batista Bottentuit Junior<sup>2</sup>**

**Vanda Maria Mendes Freire<sup>3</sup>**

### **RESUMO**

O artigo tem por objetivo apresentar os benefícios proporcionados pelo uso do computador e da internet enquanto ferramentas de inclusão digital na vida do longevo. Optou-se por uma pesquisa configurada como bibliográfica junto a artigos de revistas científicas, dissertações e livros de circulação nacional. Buscou-se fundamentação teórica em autores que projetam em suas atividades didático-pedagógicas estudos sobre o fenômeno da longevidade e das Tecnologias da Comunicação e Informação. Acredita-se que o uso do computador e da internet enquanto ferramenta de inclusão digital podem possibilitar diversos benefícios positivos para uma vida mais ativa e uma maior inserção de longevos na sociedade pós-moderna.

**Palavras-chave:** Longevo; Computador; Internet; Inclusão digital; Informação.

### **INTRODUÇÃO**

O envelhecimento da população torna-se uma realidade na sociedade pós-moderna. Essa inquietação, que era somente dos países desenvolvidos, também é uma realidade nos países emergentes. Observa-se que nos últimos 20 anos surgiram um maior interesse pelo destino dessa população, buscando uma maior conscientização por parte da sociedade quanto aos resultados do envelhecimento populacional. Para Câmara (2002), “o fenômeno do envelhecimento destaca-se na atualidade como um tema presente e de interesse pessoal e coletivo”.

Compreende-se, atualmente, que o envelhecimento é somente mais uma etapa da vida, em que a pessoa faz parte de todo um processo de existência com acúmulo de experiências. Muitos não mais se isolam, ao contrário, participam e atuam ativamente de

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade Federal do Maranhão. Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de São Paulo – UNESP. E-mail: cbelfort@globo.com

<sup>2</sup> Professor da Universidade Federal do Maranhão. Doutor em Educação pela Universidade do Minho – Portugal. E-mail: joaobj@gmail.com

<sup>3</sup> Aluna do Mestrado em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. E-mail: vanda\_ma2003@hotmail.com

atividades diversas, como as atividades digitais, que têm se constituído como um meio de relacionamento e de informação.

A informação é aclamada em qualquer idade como um direito e como uma possibilidade, mostrando assim que o indivíduo pode e consegue acompanhar os avanços tecnológicos por toda a vida, independentemente da idade. Nessa mesma linha, Câmara (2002), destaca os progressos na área da biotecnologia, da cibernética, da computação, da eletrônica, da genética e da medicina como geradores de benefícios que colaboram para a elevação da expectativa de vida. Esses progressos implicam em um envelhecimento ativo, mais saudável para todos, com dignidade, respeito e com possibilidades de participação em atividades não experimentadas em diferentes estágios de suas vidas.

A participação da Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC) na sociedade pós-moderna é algo indiscutível, principalmente em relação à propagação do conhecimento das mais variadas formas, para tanto são usadas ferramentas digitais, as quais possibilitam a ampliação e socialização do conhecimento. Conhecer e ter que dominar as TIC tornou-se uma exigência nos dias atuais, pode-se encontrar em todos os espaços, tanto em casa, como no trabalho. Por essa razão, é importante que a sociedade discuta sobre a necessidade de inclusão digital de longo prazo no novo mundo informatizado, pós-moderno.

O computador e a internet usados por idosos longevos podem contribuir como ferramentas de inclusão social e digital, na minimização do isolamento social, na extinção da solidão, no aumento e melhoria na comunicação com familiares, na construção de novas amizades nas redes sociais, e principalmente na concretização do envelhecimento. O acesso pode contribuir na concretização do envelhecimento mais ativo, haja vista que muitos longevos já utilizam as tecnologias no seu cotidiano.

Ao longo dos anos, várias expressões foram criadas como, velho, melhor idade, maturidade, terceira idade, idoso, e mais recentemente longo prazo, algumas passaram a ser adotadas por serem expressões que amenizam a questão do envelhecimento. Contudo, neste estudo adotou-se a expressão “longo prazo” por entender que o indivíduo deva usufruir essa etapa da vida, independentemente do tempo de vida, e que possa aproveitá-la de forma veemente ou mais sossegada. O importante é aproveitá-la.

Assim, neste artigo, o objetivo é apresentar os benefícios proporcionados pelo uso do computador e da internet como ferramentas de inclusão digital na vida do longo prazo.

### **Aspectos demográficos da população longo prazo**

Entre os dados e previsões estatísticas relacionadas ao fenômeno do envelhecimento, destacam-se as informações da Organização das Nações Unidas (2001), quanto à probabilidade do crescimento do número de idosos com 60 anos ou mais. Segundo essa instituição, em 2050 o planeta terá aproximadamente dois bilhões longevos, produzindo uma elevação das demandas que resistem aos sistemas sociais e de saúde no planeta.

Conforme Tavares (2005), o fenômeno demográfico relativo ao aumento da expectativa de vida e, do aumento populacional de idosos no mundo, especificamente nos países em desenvolvimento, tem causado sobressalto e incitado discussões em relação à velhice e o envelhecimento.

No século XX, o envelhecimento populacional no Brasil tornou-se a temática que tem provocado grandes transformações no cotidiano dos indivíduos. De acordo com Villani (2007), citado por Pereira (2009), os dados sobre esse segmento populacional na década de 40, na faixa etária dos 60 anos apresentava um percentual de 4%. Em 2000, esse percentual aumentou de forma significativa para 9%. E a previsão para 2020, a população de longevos com 60 anos ou mais, ultrapassará o percentual de 13%.

O Brasil já se depara com esse fenômeno, apresentando mudanças no panorama populacional relacionada à faixa etária. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2006), atualmente 15 milhões já representam a população de longevos no país, com previsões de 34 milhões para o ano de 2025, o que levará o Brasil a ocupar a sexta posição mundial em número de longevos, fato esse que exigirá planejamento de novas políticas públicas em todas as esferas sociais a darem maior atenção às questões referentes ao fenômeno do envelhecimento.

Ainda conforme o IBGE, o Estudo de Projeção da População Brasileira 2000/2060, revisto em 2013, apresenta dados segundo os quais o Brasil, em 2060, contará com mais de 103 milhões de pessoas na faixa-etária acima dos 50 anos, ou seja, 47% do total de habitantes do país, assim a população total estimada será de 218 milhões. Outro fato relevante que chama atenção para esse período, é que pessoas da faixa etária de 0 a 14 anos somarão apenas de 28 milhões.

Ao longo das últimas décadas, o Brasil era representado por uma população constituída por jovens. Contudo, esse panorama em relação à demografia populacional vem

sofrendo mudanças, e o impacto gerado por essa mudança demográfica já apresenta nova configuração em relação ao envelhecimento da população brasileira.

### **O envelhecer na pós-modernidade**

O fenômeno do envelhecimento é atualmente uma questão que vem atraindo interesse em grande parte da população brasileira. É inegável que tal fato, deve-se ao considerável aumento de longevos no país, com previsões de maior crescimento em um futuro próximo. Em muitos países europeus, esse fenômeno já uma realidade.

Conforme Debert (1999), na segunda metade do século XIX, “a velhice foi concebida como um período da vida do homem representada por decadência do corpo, e perdas de suas funções sociais”. Estudos em gerontologia no país apresentavam uma imagem “vitimizada” do longevo, fundamentado nos três enfoques: Primeiro, a explosão demográfica desse segmento etário que exige investimento em políticas públicas. Segundo a própria crítica ao culto à juventude. E, por fim, a mudança nas características dos lares brasileiros. (GUIMARÃES;1996).

Para Barros (2007), ao iniciar os estudos sobre os velhos, a medicina em suas pesquisas, trouxe resultados que contribuiram com estudos na área social. A maioria desses estudos discorre sobre o longevo como aquele indivíduo que precisa de uma assistência social. O longevo passou a percebido como um problema social de complexidade quanto ao equacionamento, porém para a consolidação de um ator social importante, ainda se torna necessário o planejamento de ações educacionais voltadas ao segmento etário, que contribua com informações e conhecimentos.

Assim, será possível pensar num idoso mais ativo, participativo e envolvido na sociedade, buscando seus direitos e integrando de forma mais assertiva na sociedade, numa busca comum a todas as áreas para soluções adequadas as questões que compreendem a velhice.

Envelhecer não exprime de forma alguma “estar doente, parado, é sim atravessar gradualmente situações de mudanças de ordem psicológicas e físicas”. Conforme Scharfatein (2004), o processo de envelhecimento do ser humano pode ser entendido como “a integração social, psicológica e biológica do envelhecimento”. Para complementar esse pensamento, destaca-se a fala do autor Demo (2002), o ato de usufruir de uma “adequada saúde mental e

física significa estar bem individual e adaptado socialmente”, realizado enquanto indivíduo, e apto a explorar possibilidades de vida e aprender a aprender.

Segundo Neri (2007), conceber o envelhecimento como final de ciclo de vida, cria-se uma imagem negativa da velhice como algo desagradável, lamentável, sob o aspecto biológico. É pertinente ressaltar o mercado empresarial que tem percebido o longo vivo como cliente em potencial e real, que tem “consumido produtos e serviços ligados à estética, aos planos de saúde, ao lazer e ao turismo”. Complementando esse raciocínio, por sua vez, Stano (2005), lembra que a exagerada procura por novos mercados de consumo, a mídia e a indústria da propaganda têm elaborado uma nova representação da velhice, descartando particularidades do processo de envelhecimento, ao converter e ocultar novas expectativas desse processo.

Para Ferrigno (2006), a construção social das gerações se consolida mediante a instalação de valores morais e perspectivas de comportamentos para cada uma delas, em distintos períodos da história. A existência social do longo vivo não se dá apenas enquanto sujeito biológico, limitado a um processo de desenvolvimento humano que se inicia com o nascimento e finaliza com a morte.

Conforme assegura Bazo (1996 *apud* Oliveira, 2012), a velhice não é somente uma “definição biológica”, vai muito além disso é uma construção social”. E por se tratar de “uma construção social, deve assegurar-se de valor”. Porém, em determinadas situações o valor conferido é negativo, representado pela incapacidade, fragilidade ou inadequação do longo vivo diante à sociedade.

As diferentes sociedades apresentam diferentes experiências e representações acerca da velhice. Para compreendermos o espaço dos longevos em uma sociedade, é necessário perceber o modo como essa sociedade se institui e estabelece papéis ao indivíduo de cada segmento etário.

Para Martins (1998), a constituição etária da sociedade pós-moderna está mudando, é considerável a perspectiva de vida da população longa viva. Trata-se de um período de mudanças, com avanços no campo tecnológico e das ciências, em que o mundo presencia com novas perspectivas e benefícios.

A compreensão do envelhecimento ativo, bem-sucedido em uma sociedade que tenta não envelhecer é um obstáculo, sobretudo pela existência de preconceitos, discriminações e mitos. Na sociedade pós-moderna, segundo Silva (2007), a “industrialização e a urbanização instigaram preconceitos, desigualdades e estigmas”, demonstrando que as experiências ao longo da vida dos longevos são desconsideradas pelos mais jovens.

Segundo Camarano (2004), tanto no Brasil, como em outros países em desenvolvimento, a questão do envelhecimento populacional soma-se a outras questões sociais não resolvidas como a pobreza e a exclusão social.

Algumas narrativas do envelhecimento positivo e ou ativo, são defendidas como um processo que busca aumentar oportunidades em relação à saúde, à qualidade de vida, à autonomia, à independência e à expectativa de vida saudável e muitos longevos têm experimentado nessa sociedade pós-moderna.

Na contramão dessa narrativa, a expressão “idadismo” tem sido usada algumas vezes para referir-se ao longevo, tanto no contexto familiar ou profissional, cpor assinalar características, posturas e práticas negativas como a complacência e descuido em relação ao cidadão longevo.

Para Castro, (2015), o sujeito que possui a faixa etária mais elevada geralmente está relacionado a posturas preconceituosas e de exclusão social. Para esse autor, a expressão “idadismo tecnológico” também tem sido muito usada, e nada mais é do que o preconceito para com o idoso que utiliza as TIC - Tecnologia da Informação e Comunicação, no seu dia a dia.

Kachar (2003 *apud* Vieira e Santarosa, 2010) menciona que hoje, os longevos pós-modernos, crescidos em uma “sociedade com suposta estabilidade, convivem com a tecnologia, embora com certas dificuldades e limitações, enquanto os jovens estão envolvidos neste universo desde o nascimento”. É certo que estes são mais curiosos, compreendem e usam com mais facilidade as novas tecnologias, sentem-se mais seguros e preparados para desbravar o computador e a internet. Segundo Vieira e Santarosa (2009), ao citarem Rosen e Weil (1995), os longevos estão mais distantes das TIC, se forem comparados com jovens e crianças, haja vista, razões diversas podem justificar uma menor experiência com o mundo tecnológico, principalmente o computador e a internet.

A grande maioria dos longevos apresenta insegurança, temor e relutância em utilizar o computador, o celular, dentre outros, por achar que podem causar danos a equipamentos, em razão do pouco ou nenhum conhecimento e manuseio.

Segundo Vieira e Santa Rosa (2009), a limitação por sua condição financeira éafeta diretamente o acesso do longevo junto as tecnologias digitais, em face dos mesmos já terem passado a maior parte de suas vidas sem necessitarem desses aparatos tecnológicos. Assim também, a própria idade, são razões que justificam a falta de motivação dos longevos quanto ao uso do computador e da internet. Entretanto, esses mesmos autores enfatizam em seus trabalhos, o quanto é relevante transpor essas barreiras que dificultam o acesso a essas

ferramentas e que longevos podem sentir-se motivados a vivenciar, experimentar benefícios proporcionados pelo computador e pela internet em suas vidas.

A expressão exclusão digital em tela está relacionada às consequências econômicas, sociais e culturais da repartição desigual do acesso ao computador e a internet. A “universalização do acesso” é acima de tudo um meio para redução dos estragos sociais gerados pelo combate contra a desigualdade. Para Sorj e Guedes (2005), as políticas públicas podem explorar as novas tecnologias no sentido de possibilitar melhores condições de vida à população em geral. Sabe-se que ainda é necessário tanto o combate a exclusão digital da população mais pobre, como a busca de itinerários com possibilidades que reduzam seu “impacto negativo sobre a distribuição de riqueza e oportunidades a todos”.

O computador e a internet usados por longevos podem contribuir como ferramentas de inclusão social e digital, na minimização do isolamento social, na extinção da solidão, no aumento e melhoria na comunicação com familiares, na construção de novas amizades nas redes sociais e principalmente na concretização do envelhecimento ativo. O acesso pode contribuir na concretização do envelhecimento ativo, haja vista muitos longevos já utilizam as tecnologias no seu cotidiano.

### **O COMPUTADOR E A INTERNET: suas contribuições na vida dos longevos**

Cada vez mais a sociedade está admitindo a relevância da internet enquanto ferramenta para captar e difundir informações em todos os níveis. Atualmente há uma tendência ao uso de tecnologias avançadas em todas as áreas. Conforme Gecia (2001), a internet tem sido bastante enfatizada como uma das relevantes ferramentas usadas na educação, no ensino aprendizagem em face da elevada avalanche de informação disponível em rede. Informação esta que pode estar representada por intermédio de som/imagem e hipertexto.

A Internet apresenta-se como uma ferramenta de comunicação, de pesquisa interativa, veloz e eficaz que contribui para a transmissão de aprendizado de pessoas que estão próximas e ou distantes. Miranda e Farias (2009), corroboram com a afirmação acima, quando apresentam o conceito elaborado pelas autoras sobre a internet como sendo um “conjunto de redes interligadas usada como meio de comunicação entre pessoas de todo o mundo”.

Complementando essa linha de raciocínio, Oliveira (2002), explica que a internet oportuniza o acesso a informações de caráter científico, cultural, artísticos, de lazer, tudo em

tempo real. Para o autor, as questões de tempo, local e distância já não são relevantes e nem vistos como embargos para a conveniência do internauta.

A internet é um sistema de informação global organizado por meio de uma rede mundial de computadores interconectados. Segundo Miranda e Farias (2009), ao citarem o Federal Networking Council (1995), a internet é “o maior repositório de informações” à disposição, e acesso em qualquer lugar do planeta. Silveira (2005) frisa que o computador sem conexão mundial de computadores representa somente um equipamento para digitação, sendo limitado o seu uso.

Diversos estudos demonstram que o longo cada vez mais vem buscando conhecimento e informações no mundo tecnológico. O não acesso às novas tecnologias por parte desse segmento etário, tornando-se a principal razão para o surgimento de um novo grupo, os dos “excluídos digitais”, o que compromete de forma negativa no que tange ao direito, a cidadania, e a autonomia do longo.

Segundo o Mapa da Inclusão Digital (2012), baseado em dados usados pela *Gallup World Poll*, este realizou o mapeamento em 158 países, apresentando o ranking por domicílios de acesso à internet em termos globais.

Em primeiro lugar encontra-se a Suécia, com 97% de acessos, o Brasil está na posição 63°, que representa 33% de pessoas que possuem acesso ao computador e a internet em seus domicílios. Conforme informações do Mapa da Inclusão Digital, o Brasil encontra-se “acima da média mundial em relação a alguns países” como Índia (128%) e África do Sul (108%). Os países ricos utilizam em maior quantidade as “redes informacionais para se comunicar e processar informações”. No entanto, os países pobres e em desenvolvimento tem suas populações afastadas dos “benefícios” da rede mundial de computadores. (SILVEIRA, 2005).

Em se tratando do Mapa Regional por Unidade da Federação, o Distrito Federal encontra-se em 1° lugar quando 64,68% da população que possui computador e 58,69% têm acesso à internet. Em posição menos favorável está o Estado do Maranhão, onde 15,16% da população possuem computador e somente 10,98% acessam a rede.

No item que se refere a desinteresse quanto ao acesso à rede, 37% dos respondentes idosos com idade a partir dos 60 anos afirmaram não saber usar o computador, e não possuir interesse em aprender. Esse dado corrobora no sentido de ratificar as informações acima. A pesquisa desenvolvida por Selwin *et al* (2003), mencionada por Vieira e Santarosa (2009), afirma que “a maior razão para longevos não usarem o computador, simplesmente os mesmos

não sentem a necessidade de uso deste equipamento” pela grande maioria dos longevos entrevistados. Ou seja, muitos longevos não fazem uso da tecnologia por não estarem motivados para tanto.

Assim, a não frequência ao computador e particularmente à internet ainda são desafios para a inclusão digital, e fortalecimento do sentimento de pertencimento a essa sociedade pós-moderna e ao mundo tecnológico.

White *et al* (1999 *apud* Vieira e Santarosa, 2009), entende que a utilização do computador e da internet diminui sensivelmente o quadro de solidão e depressão em longevos, especialmente porque provoca o contato e a convivência social, eliminando diversos obstáculos.

A despeito de todas as dificuldades, observa-se que longevos estão dispostos e apresentam interesses para utilizar o computador e a Internet. Percebe-se que interesse e iniciativa de longevos em buscar apoio e conhecimento junto a pessoas que possuem habilidades no uso dessas ferramentas a exemplo de professores, dos amigos e ou de parentes. E ainda mais, alguns longevos desistam de uma aproximação maior com o computador por se acharem incapazes de aprender a manusear, por outro lado a impaciência dos mais jovens, a capacidade e agilidade no manuseio do computador caíam na contramão ao tempo de aprendizagem do longevo.

Portanto, advoga-se que essa faixa etária possui o direito e condições de ser incluída na sociedade das novas tecnologias, que vem ocupando todos os espaços, nas empresas, nos lares, gerando novas necessidades de aprendizado e exigindo a competência quanto ao uso dessas ferramentas. Sendo assim, o longevo em relação ao uso da Internet, pode experimentar a possibilidade de uma maior integração social e cultural entre ele e a sociedade tecnológica.

O computador e a Internet tornam-se oportunidades para prática de lazer virtual, para o entretenimento, para construção de novas relações de amizade e aprendizagem, pontos de encontros culturais. Muitos indivíduos que já estão na faixa etária dos 50 anos em diante já não pretendem permanecer inativos com a chegada da aposentadoria.

É bem verdade que existe o outro lado da internet que produz efeitos negativos ao indivíduo, o ilimitado tempo no uso da mesma, a troca de relações reais por virtuais o que leva ao isolamento social. Acesso a páginas com conteúdos impróprios, pornográficos, criminosos e arraigados de preconceitos e discriminações. O uso do computador por horas e o dia inteiro pode acometer os usuários a sérios problemas físicos como lesões por efeitos repetitivos, má

postura, dores de cabeça, problemas de visão, dependência do uso. Portanto, o longo vivo pode ser conscientizado, alertado quanto aos excessos no uso do computador e da internet.

Após a reflexão dos pontos negativos assinalados, observa-se uma relação quanto ao uso que se dar ao computador e a internet e não a qualidade existente neles em si. Resta ao longo vivo usufruir dos benefícios gerados por eles e que não se deixem dominar. Portanto, o livre arbítrio pertence ao internauta quanto a suas opções de escolha.

Garcia (2001) expõe alguns benefícios pelo uso do computador e da internet, como “o estímulo do raciocínio e da memória,” geralmente por comodidade, não são usados todos os “neurônios existentes no cérebro”. Esse, por sua vez, se não for exercitado, atrofia, extinguindo parcialmente ou mesmo por completo as lembranças guardadas. Segundo Garcia (2001), ao citar Maciel (1995), com o uso da internet, o longo vivo estará praticando a memória, percebendo as “imagens disponíveis nos sites, textos” que ele considere interessante, desse modo, o mesmo pode “aumentar a sua capacidade de retenção”. Assim, torna-se um benefício o estimula cognitivo do longo vivo.

A intenção do longo vivo ao usar a internet, sem que haja maiores pretensões por diversos instrumentos cognitivos pode beneficiá-lo quando se trata de “redução do isolamento social, da elevação da autoestima, da aprendizagem de novos conteúdos organizados por cursos de Educação a Distância” (EAD), entre outros serviços. (MACEDO E CAPOVILLA; 2000).

Torna-se natural nessa fase da vida dos longos vivos surgirem alguns problemas de saúde como doenças crônicas: diabetes e pressão alta, dificuldades de locomoção ocasionadas por doenças ósseas. Contudo, desde que estejam sob controle médico, nada os impede de levar uma vida normal e de usar o computador e a internet.

Segundo Glatzer (1997), nos Estados Unidos, médicos prescrevem a seus pacientes longos vivos o uso do computador e da Internet, pois estes profissionais entendem que esta atividade auxilia no movimenta os “músculos, os ossos e a mente”.

A própria evolução tecnológica das últimas décadas tem contribuído para o desenvolvimento de computadores que atendam a públicos específicos. Segundo Noer (1995), os teclados em *braille* foram desenvolvidos para deficiente visuais, pessoas internautas quadriplégicos operacionaliza o computador com um abrir e fechar de olhos ou simplesmente usar o “mouse”, com o reconhecimento de voz torna-se suficiente para o uso do computador.

Assim, longos vivos podem também estar se beneficiando, usufruindo de todos esses aparatos tecnológicos disponíveis. Porém, não se pode deixar de dizer que a população em

geral incluindo os longevos enfrentam desafios de todas as ordens no que tange a inclusão social e digital na sociedade pós-moderna.

### **Considerações finais**

Em se tratando do segmento de longevos, as tecnologias têm contribuído para o ingresso a sociedade da informação. O computador e a internet como ferramentas de inclusão digital têm contribuído de forma positiva com o longevo, principalmente no seu dia a dia, seja na prática do lazer virtual, no entretenimento, na aprendizagem, no planejamento e organização de viagens de turismo a partir da busca por sites com ofertas de serviços e produtos de destinos turísticos, no aperfeiçoamento da capacidade de manuseio de caixas eletrônicos, na compra online, na redução do isolamento social, estreitamento de laços de amizade, na própria comunicação via e-mail até mesmo no tratamento da saúde. Ademais, aos longevos basta saber como usar a ferramenta internet em seu benefício.

Convém enfatizar que este estudo não encerra as preocupações relativas ao fenômeno do envelhecimento. Mesmo que ele tenha possibilitado esclarecer algumas questões relacionadas a essa população etária, certamente outros estudos estarão sendo desenvolvidos, com novas possibilidades de pesquisa com longevos, na intenção de contribuir para que esse público alvo seja cada vez mais inserido na sociedade, assegurando-lhes seus direitos, respeitabilidade, honradez, bem como expectativas que fomentem novos projetos de vida que fortaleçam o sentimento de pertença à sociedade pós-moderna.

### **REFERÊNCIAS**

- BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Trajetória dos estudos de velhice no Brasil**. Sociologia, Problemas e Práticas, Oeiras, n. 52, 2007.
- BAZO, M. T. **Aportaciones de las personas mayores a la sociedad: analisis sociológico**. REIS, Madri, n. 73, 1996, p. 209-222.
- BRASIL. República Federativa do Brasil. Portaria MS 1.395/99 – Política Nacional de Saúde do Idoso, 1999.
- CÂMARA, J. S. **Longevidade populacional: novos desafios para a educação e para a dinâmica curricular**. Cuiabá: UFMT, 2002.
- CAMARANO. A. A. **Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?**; Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CASTRO, Gisela G. S. **O envelhecimento na retórica do consumo**: publicidade e idadismo no Brasil e Reino Unido. In: 24º Encontro Nacional Compós – Brasília. Trabalho apresentado no grupo de trabalho GT– Comunicação e Cultura. Disponível em: [http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-92b9fc0e-e94c-492d-a0f9-cd283e589d73\\_2764.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-92b9fc0e-e94c-492d-a0f9-cd283e589d73_2764.pdf). Acesso em 12/12/2016.

DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos das categorias de idade. In: M. M. L. Barros (Org.). **Velhice ou terceira idade?!**: Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

DEMO, Pedro. **Formação Permanente e tecnologias educacionais**. Editora Petrópolis: Vozes, 2002.

FERRIGNO, J. C. **A co-educação entre as gerações**: um desafio da longevidade. A terceira idade. São Paulo, v. 17, nº 37, p. 16-26, out. 2006.

GARCIA, H. D. **A Terceira Idade e a Internet**: uma questão para o novo milênio. 2001. 171f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.

GLATZER, Randi. Computer Age. Village Voice, v. 42, n. 15, p. 8, 15 abr. 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS (IBGE). Censo Demográfico de 2002. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 18 nov de 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS (IBGE). **Projeção da População do Brasil por sexo e idade – 2013**. Disponível em: [http://ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao\\_da\\_populacao/2013/default.shtm](http://ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2013/default.shtm). Acesso em 28/12/2016.

MAPA DE INCLUSÃO DIGITAL. Coordenação Marcelo Neri. Rio de Janeiro: FGV, CPS, 2012.

MACEDO, E. C.; CAPOVILLA, F. C. **Possibilidades de uso da Internet**: integrando pacientes, auxiliando familiares e instrumentando profissionais. In: GONÇALVES, Maria de J. *et al.* Tecnologia em [re] habilitação cognitiva 2000. São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2000.

MARTINS, J. L. S. **Da universidade da terceira idade para a comunidade**: educação popular x educação acadêmica. Cadernos de Serviço Social, Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Ano VII. 1998.

MIRANDA, Leticia M. M; FARIAS, S. F. **As contribuições da internet para o idoso: uma revisão de literatura**. Revista Interface Comunicação, Saúde e Educação v.13, n.29, p.383-94,

abr./jun. 2009. Disponível em <http://www.scielo.org/pdf/icse/v13n29/v13n29a11.pdf>. Acesso em 17 dez 2016.

NERI, A. L. **Palavras - chave em Gerontologia**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2007.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Plan Internacional de Accion sobre el Envejecimento**, 2002.

OLIVEIRA, A. M. **A internet como ferramenta de marketing nas bibliotecas**. Inf.Inf., Londrina, v. 7, n. 2, p. 105-112, jul./dez. 2002. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/1702/1453>.

PEREIRA, E. T. **A Terceira Idade na Universidade Aberta: navegando, buscando, aprendendo em um mar sem fim**. 2009, 211f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

TAVARES, S.S. **O que rima com idade?** Identidade e Sociabilidade na velhice em tempos de transição In: Gusmão, Neusa Maria Mendes de (Org.). **Cinema, Velhice e Cultura**. Campinas: Alínea, 2005. Coleção Velhice e Sociedade.

SILVA, H. S. **Envelhecimento bem sucedido e vulnerabilidade em saúde: aproximações e perspectiva**. Interface, Comunicação, Saúde, Educação. v.14. n. 35. Botucatu, 2007.

SORJ, B. S.; GUEDES, L.E. **Exclusão digital: Problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas**. Novos Estudos n 101, 72 Julho 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n72/a06n72.pdf>. Acesso em 10 jan 2017.

SCHARFSTEIN, Eloisa Adler. **Intervenção psicossocial**. In: PY,L; STANO, R de C. M. T. **Ser professor no tempo do envelhecimento: professoralidade em cena**. São Paulo: Editora PUC SP, 2004.

STANO, R. C; TRINDADE, M. **Espaço Escolar: um tempo de ser na velhice**. In: SILVEIRA, S.A. **Inclusão Digital, Software e Globalização contra-hegemônica**. Parcerias estratégicas – Número 20 – Junho 2005. Seminários temáticos para a 3ª Conferência Nacional de C,T&I. Disponível em: <http://www.cgee.org.br/parcerias/p20.php>. Acesso em: 18 jan 2017.

VIEIRA, M. C.; SANTAROSA, L.M.C. **Uso do computador e da Internet e a participação em cursos de informática por idosos: meios digitais, finalidades sociais**. Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). XX Simpósio Brasileiro de Informática na Educação (2009).

**Recebido em Outubro 2017**

**Aprovado em Outubro 2017**